

# **MARIA BONITA: mito da alma brasileira<sup>1</sup>**

Maria Luiza Tapioca Silva<sup>2</sup>

## **Objetivos**

Entender as manifestações sociais do comportamento feminino na figura de Maria Bonita, rainha do Cangaço, como forma de expressão arquetípica com nuances de um passado reiterativo e ciclicamente pontuado por expressões comuns em contextos históricos diferenciados.

## **Justificativa**

Compreender e analisar a participação feminina em um movimento tipicamente agressivo, violento e cruel, como ficaram descritos em inúmeras publicações nos estilos diversos em nossa literatura brasileira, leva-nos à percepção de que a inserção da mulher no cangaço, movimento de muita expressão na cultura do povo brasileiro, expressa em si e em suas manifestações o papel de elemento apaziguador e afetivo. Ao mesmo tempo garante também a capacidade de empoderamento ético dos homens, nessa missão vingativa de enfrentamento e modo de vida em fazer justiça com as próprias mãos. Para fazer a leitura desse fenômeno é exigido do pesquisador o entendimento do contexto da época, além de um mergulho na alma para incluir no repertório as sombras próprias da natureza humana e o conjunto de papéis interpretados por estes atores.

Integrar a participação da mulher no Cangaço ao tema Alma Brasileira: Luzes e Sombra do XXII Congresso da Associação Junguiana do Brasil requer o conhecimento dos símbolos, dos significados e das marcas arquetípicas que se revelam através das representações sociais à época e na atualidade, ou seja, nas manifestações reiterativas de comportamentos individuais e sociais, especialmente neste caso, nas manifestações do feminino na mulher.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado no contexto da tese de doutoramento em Psicologia Social, pela Universidade J. F. Kennedy, Buenos Aires, Argentina. 2014, sob orientação da profa. Dra. Marta Biagi.

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Professora da Universidade Estadual da Bahia, terapeuta junguiana formada pela Faculdade Hélio Rocha – Instituto Psique, Bahia. Doutoranda da Universidad J F Kennedy – UK, Argentina.

## **Desenvolvimento**

Abordar arquétipos e mitos pressupõe recorrer aos aspectos de profunda representatividade para esboçar manifestações que impregnam o imaginário social e coletivo. Tais aspectos se eternizam secularmente como expressões vivas e contemporâneas em qualquer tempo histórico e localização social e geográfica.

Maria Bonita, entre outras mulheres que também acompanharam em bandos seus parceiros no cangaço ou em outras lutas heroicas, destaca-se como uma companheira seduzida e apaixonada pela valentia de seu enamorado viril, valente e corajoso Virgolino Ferreira da Silva – o “Lampião” – cangaceiro, o Rei do Cangaço.<sup>3</sup>

O cangaço tem caráter arquetípico que se pronuncia e se propaga ao longo do tempo, guardando e preservando as características primordiais manifestas. Entende-se que é uma ou várias manifestações arquetípicas que subsistem ao tempo e aos movimentos sociais e históricos, preservando características de identidade comuns. As imagens do cangaço concretizam-se há mais de 80 anos através de uma diversidade de textos, sejam históricos, literários, antropológicos, políticos e psicológicos. Muitos documentários foram feitos na tentativa de entender este fenômeno do Nordeste brasileiro. Causa impressão ou até estranheza a alguns o uso das imagens do cangaço em publicidades de objetos de consumo: cerâmicas, cordéis, bordados, figuras de estilo e decoração, desde produtos populares a produtos de luxo, tendo em vista o seu caráter fortemente violento.

Sem dúvida, o imaginário reúne muitos elementos característicos do folclore que se formou em função desses personagens. Para uns, heróis e para outros, algozes atormentados e atormentadores. Trata-se de amor e vingança; liberdade e prisão; mas, sobretudo, o desejo de enriquecimento e de poder. Perpassa um imaginário de extermínio, raptos, miséria, idolatria e ternura. Criam-se mitos e lendas que falam de bravatas de um grupo de homens e mulheres que viveram sonhos, conquistas e destruições.

---

<sup>3</sup> Cangaço – homens fortemente armados que andavam em bando pelos sertões do Nordeste durante mais de 200 anos. As mulheres entraram após o convite que Virgolino fez a Maria Bonita para segui-lo. Homens e mulheres obedeciam às normas estabelecidas e acima de tudo tinham que oferecer parceria, confiança e fidelidade entre os companheiros.

Caracterizar o cangaço, para explicar o fenômeno da sobrevivência do Nordeste e do sertão brasileiro no período da iniciação de uma economia agrícola entremeada com a produção açucareira e pastoril, torna-se necessário para que dentro deste cenário possamos compreender o que se fez com o homem pecuário da região. É também para que entendamos os estímulos sociais e geográficos que foram capazes de forjar um jeito “humanizado” de vida do homem nordestino, entre o fim do século XVIII até o século em que vivemos, constituindo-se nesta ordem, arquétipos até então existentes e manifestos no comportamento e na cultura de homens e de mulheres brasileiras.

Esta importância se dá sobretudo em virtude dessa região ser caracterizada por diversidades culturais profundamente rigorosas na preservação das suas marcas ancestrais – negro, índio, branco, povos habitantes do sertão brasileiro.

O Cangaço possui características específicas, senão ao menos exclusivas, nas quais podemos nos debruçar para analisar comportamentos psíquicos e sociais. Assim poderemos compreender o que significa, nesta arqueologia emocional, a beleza, a justiça e a missão da mulher guerreira - Maria Bonita, em seu heroísmo e feminino plural, enquanto companheira de vida e morte de Lampião nas suas sagas pelo sertão do Nordeste brasileiro.

Descrever o cangaço e o sertão nordestino brasileiro é adentrar em que características históricas, físicas, sociais e culturais, que se estendem entre o sudeste dos estados do Piauí e da Bahia, para que, mergulhados neste cenário árido e folclórico, possamos decifrar um enigma híbrido permeado pela crueldade e beleza, justiça e meio de vida, comunicação e arte, que forjam os perfis de deuses em qualquer cultura antropológicamente compreendida.

Como diz TEIXEIRA em seu artigo sobre A alma consumida do cangaço:

O cangaço foi um acontecimento de muita complexidade e representa um marco histórico na cultura do país. Para entendê-lo, é necessária uma compreensão da alma brasileira, no cultivo de histórias e imagens que retratam o seu cotidiano, no retomar dos fios. Dessa forma, é possível sentir o cangaço como um fenômeno que se tornou rico em tradições e inventividades, que despertou tanto a atenção do homem pobre - provocando sua identificação através de cumplicidades e participação nos feitos do grupo -, quanto do rico, das classes mais abastadas, políticos e politiquinhos, no uso oportuno dos seus serviços.

As mulheres gostavam de adentrar no cangaço porque essa escolha era uma forma de libertação do jugo paterno, além da vantagem de viver ao lado de

homens viris, guerreiros, ousados, capazes de confrontos e se opor aos temidos pais. (TEIXEIRA, 197)<sup>4</sup>

Maria Gomes de Oliveira nasceu não por acaso no dia 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, que pode ser celebrado desde o ano de 1911. O cenário do qual nos ocupamos para conseguir vislumbrar o perfil feminino dessa mulher, em sua trajetória mítica de Maria Bonita, Rainha do Cangaço, que perdura até então, nos permite compreender em poucas estrofes a descrição do poeta João de Souza Lima quando se expressa em cordel:<sup>5</sup>

Triste cenário de horror  
De estiagens terríveis  
A seca é a eterna dor  
De sobreviventes incríveis  
O solo expirou no calor  
Seus morticínios horríveis. (LIMA, 2011)

Neste panorama agreste, entre dores e virtudes, muitas histórias contadas nos permitem caracterizar e compreender como se forjam as lutas e os heróis, que se perpetuam lendariamente em nosso imaginário social, e o que nos faz repetir ciclicamente padrões referenciados em tempos remotos.

Além de herói e bandido, Lampião era amante do amor, da beleza, como se absolutamente fossem necessários ao seu próprio caráter. Sedução, encantamento, beleza e uma inegável criatividade dele irradiavam. Através dos objetos elaborados para o bando, emerge a necessidade insofismável do convívio com o belo, uma exuberância bruta, natural. O cangaço se investe de erotismo e atrai pessoas apaixonadas pela vida e pela morte, e do bom senso se afastam e da liberdade se tornam amantes e com ela se comprometem, casam e vidas errantes cultivam. (TEIXEIRA op cit pg. 209).

Assim, Maria Bonita do capitão Virgolino Lampião inspira esta reflexão que busca compreender e analisar arquétipos do feminino manifestados no comportamento de mulheres da atualidade. Ao mesmo tempo contribui para que, com base em sua trajetória histórica, possamos reconhecer que elementos mitológicos estão contidos nas expressões de caráter cíclico e reiterativo de manifestações do feminino mítico das deusas gregas que se perpetuam em nossos comportamentos individuais e sociais.

---

<sup>4</sup> TEIXEIRA, Angela. A alma do consumida do cangaço. 5<sup>o</sup> Encontro dos Amigos da Psicologia Arquetípica. São Francisco Xavier, São Paulo, 2007.

<sup>5</sup> LIMA. João de Souza. A trajetória guerreira de Maria Bonita a rainha do Cangaço. Paulo Afonso. Fonte Viva, 2ª Edição 2011. Pg.15

## **A mulher Maria Bonita - história, beleza, coragem e destino**

Cercada por esse cenário agreste, nasceu Maria de Déa, como era chamada enquanto criança, na fazenda Malhada da Caiçara, Município de Paulo Afonso no Estado da Bahia. Esta mulher deixou um nome gravado na história, diferenciando-se das demais mulheres da sua época, inclusive das suas três irmãs e de primas e amigas que cercaram a sua infância e juventude, brincando com bonecas de pano ou de espiga de milho confeccionadas por elas mesmas, ninando o sonho infantil da maternidade.

Em um solo ardente e seco, a marca do sertão, sonhos e poesias se fizeram realidade durante os anos em que crescia a Rainha do Cangaço, sem que este desejo e direito de jovem fizessem parte da sua autoria de um desenho imaginário de sua própria sorte. Pertencente a uma família de muitos filhos - homens e mulheres, Maria de Déa cresceu entre o rigor das plantações, feitas de pá, enxada e facão, em uma terra árida e seca, sem prenúncios de chuva para regar, muitas vezes sem colheita. Dedicava-se a prendas domésticas e costurava suas próprias vestimentas, roupas e adereços que a enfeitavam para dançar em festas de arrasta-pé. Fazia-se presente às quermesses da Igreja onde participava das comemorações religiosas, sempre carregadas de esperança e fé em dias melhores.

Em meio aos sonhos, devaneios e suspiros, ainda adolescente, casa-se aos 15 anos de idade como forma de mudar de vida, saindo dos limites da fome e das proibições paternas que não lhe permitiam vaidades femininas como uso de pó de arroz, ruge e batom comprados na feira de Jeremoabo, município próximo à fazenda onde cresceu. Com a liberdade adquirida, teria participação livre nas danças de *xote* e *xaxado* com pares masculinos da redondeza e ate em outros povoados da região.

A beleza vaidosa que crescia com os sonhos desta Maria não cabia mais em uma casa com vários irmãos onde o pouco tinha que ser repartido entre muitos. Agora, a vontade tinha que ser dividida com um par, em uma cama de casal, com um marido que acolhesse e fizesse seus desejos de mulher realizados.

Como diz Lima<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> LIMA, José de Souza. A trajetória guerreira de Maria Bonita – a Rainha do Cangaço. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.

“[...] o casamento atribulado com um dos seus primos, um rapaz de nome José Miguel da Silva, mais conhecido por José de Neném, que morava também na Malhada da Caiçara e que exercia a profissão de sapateiro, aproveitando o couro de gado morto e ressecado pelo sol escaldante do seu sertão, foi um desejo marcado por muitas desavenças, desentendimentos e cenas de ciúme de Maria em não aceitar o jeito boêmio e “dançador” de José que engraxava seus próprios sapatos, utensílios de seu ganho de vida, também para viver as noites alegres que escondiam o sol escaldante do sertão, com os goles dos pingos de cachaça benfeitora de alegrias de macho nordestino”. (LIMA, op. cit, pg 21)

Entre os infortúnios de separações constantes, precedidos de discussões e desavenças infelizes, Maria corria para a casa de seus pais buscando guarida e acolhida de suas queixas de mulher. Sentia-se traída pelo marido que lhe trocava facilmente como se fora um sapato apertado.

Em meio às discordâncias de seu pai por suas separações, a volta para casa de seus familiares que atuavam como coiteiros<sup>7</sup> do Bando de Lampião abrigava em Maria, incentivada pela sua mãe, a realização de uma história que mais tarde pôde ser reconhecida como destino ou missão de uma trajetória guerreira cheia de contradições, que lhe coloca entre os mitos brasileiros mais destacados e culturalmente enaltecidos na formação de seu povo.

Este mito se constituiu pela marca heroica de ter se aventurado a seguir e de se entregar a um casamento que nem a morte seria capaz de separar. Maria Bonita, bonita Maria do Capitão. Beleza, Justiça e Destino, eternos símbolos e mitos do sertão.

A presença de Maria marca a abertura de um precedente para a inserção feminina no cangaço, que passaram a compor o bando com a concessão de Lampião, quando até então estes grupos eram formados apenas por homens. O chefe do bando inaugura a participação de mulheres permitindo assim que outros casais fossem se formando na experiência arriscada. Quando o “Rei” admitiu que sua companheira o seguisse, outros o tomaram como exemplo e, num piscar de olhos podiam-se contar quarenta mulheres entre cangaceiros. Maria se tornou a eterna “Rainha”. Como narra Vera Ferreira, filha de Expedita e neta de Maria Bonita e Lampião em seu livro “De Virgolino a Lampião” resultado de vinte e nove anos de suas pesquisas, para contar a história de seus avós, complementando com a afirmativa que ... “Uma das consequências da presença da mulher nos grupos cangaceiros, foi que os homens passaram a ter mais respeito pelas famílias de maneira geral. A conduta durante as batalhas também foi modificada pois agora haviam que se preocupar com a segurança das mulheres”. (Ferreira,Vera. Amaury, Antonio.1999. pg. 193).<sup>8</sup>

As diversas narrativas que encontramos na literatura brasileira sobre a história do cangaço e da participação feminina neste movimento descrevem que as mulheres, não

---

<sup>7</sup> Coiteiros – protetores do cangaço, vigilantes da aproximação da polícia.

<sup>8</sup> FERREIRA, Vera. AMAURY, Antonio. De Virgolino a Lampião. São Paulo: Ideia Virtual, 1999.

foram responsáveis pelas mortandades que eram designadas aos seus bandos, ainda que justificando ser este movimento um fenômeno de “transtipicidade”<sup>9</sup> que se realizava em busca de empoderamento, meio de vida, vingança, justiça, ou mesmo por esconderijo e proteção.

Uma dessas mulheres, que nos sentimos motivados a citá-la por ter sido exceção e que possui destaque em quase todas as obras literárias sobre o tema Feminino no Cangaço, foi Sérgia Ribeiro da Silva, a Dadá, mulher e companheira fiel escudeira do combatente “Corisco”. Esta mulher, durante a vida e mais intensamente depois da lesão dos dois braços de seu parceiro atingidos durante um combate, assumiu as armas longas do marido. Até então as mulheres só portavam armas de calibre 32.

Na descrição deste tema por Ferreira, vimos que:

É um grande equívoco pensar que as funções da mulher no cangaço no campo limitam-se às prendas domésticas... não era assim de maneira alguma. As refeições, por exemplo, eram preparadas pelos homens, alternadamente. Também aos homens cabia a confecção de roupas. (Ferreira.1999.p 194).

Sobre as características deste movimento inusitado do homem do sertão do nordeste brasileiro, descreve Limeira Tejo, em Brejos e Carrascais do sertão, apud Mello, 2004:

Na terra seca, o homem é castigado pela inclemência climática, mas tem a compensação da liberdade individual imensa, formando-se uma humanidade ativa, de uma independência quase selvagem, indisciplinada, sem submissões ao trabalho, sem vida sistematizada. Cada homem é dono de suas ventas e, acostumado aos horizontes largos, para ele o mundo é grande e Deus é maior. E Deus é aventura. (Mello, 2004.p 380)

Na incerteza das regiões sertanejas, sob vários aspectos, o cangaço se tornava uma aventura localizada e justificada pelas próprias condições oferecidas pela vida. Assim, em busca de melhores dias e pela fé em Deus, o ganho fácil da celebridade, da fama de heroísmo, permitido pelo viver selvagem e livre, atuava como um fator psicológico inconsciente desse sertanejo, sendo o cangaço uma aventura a mais, um “banditismo” de caráter existencial.

Para Mello, explicar o cangaço é compreender o engajamento em missão sertanejamente ética e que:

---

<sup>9</sup> MELLO, Frederico Pernambuco. Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: Girafas, 2004.

“Num sertão profundamente conturbado pelas disputas entre chefes políticos, lutas de famílias, ausência de manifestações rígidas e eficazes de um poder público longinquamente litorâneo; sertão povoado por um tipo especial de homem, individualista, sobranceiro, autônomo, desacostumado a prestar contas de seus atos, influenciado pelos exemplos de bravura de cavaleiros medievais; sertão que tinha no épico o seu gênero maior... o cangaço representava uma ocupação aventureira, um ofício epicamente representado, um meio de vida.”. (Mello, op cit, 2004. Pg. 117)

Nesse cenário, a figura do cangaceiro, homem sem patrão, vivendo das armas, infenso a curvaturas, era razoavelmente bem aceita naquele meio.

Arquetipicamente marcado, o cangaceiro representa uma realidade de fenômeno abrangente e universal, cultuando o arquétipo do herói reconhecido em diversas culturas de diferentes realidades estruturais. O cangaceiro nordestino é um mito constitutivo de uma cultura que permanece viva e que se esconde por trás de outras façanhas, não menos banditista ou heroica de nosso povo, em dias atuais.

A importância da participação feminina nestes episódios é refletida em diversas narrativas, como forma de garantir ao bando e aos “machos” uma possibilidade de criação de vínculo de afeto e necessidades sexuais resolvidas de forma mais frequente. E para essas mulheres, havia a garantia de preservarem suas satisfações amorosas sem os riscos das traições costumeiras dos seus cônjuges que se afastavam de suas casas sem nenhuma certeza do tempo de volta.

Assim, preservar uma paixão duradoura por um cangaceiro significava acompanhar o bando e, em troca deste amor assegurado, envolver-se em sacrifício. As mulheres, por exemplo, poderiam ser mães mas, após parirem, eram obrigadas a entregarem os filhos aos parentes ou padres, fazendeiros, por ser impossível manter crianças em situações tão secas e tortuosas.

Diante de situações tão tumultuadas como as que viviam no cangaço, pode-se imaginar que não tinham tempo para o vagar. Mas, não era bem assim. Eles promoviam momentos de lazer, festas, fotografias, aquisição de joias e produtos importados como revistas, bebidas, roupas etc. trazidos pelo turco de tempos em tempos. A forma como pousavam para as fotos demonstrava o desejo de reconhecimento e dignidade, sobretudo Maria Bonita e Virgolino.



A vida do bando era também permeada de prazeres e de descansos criativos. As roupas costuradas com rigor estilístico, em couro ou em tecido, e, por vezes, bordadas com ouro e pedras amealhadas nas lutas dos diversos embates de conquistas do cangaço, demonstravam suas vaidades e gosto pelo belo.

Em meio às lutas e como outra forma de fuga, a música era um complemento presente na vida do cangaceiro.

Na descrição sobre escutas das histórias de cangaço em sua obra *Maria Bonita*, Amaury Araújo confirma que

“a vida do bando além da luta era alegre. Todos gostavam de se vestir bem, de comer bem e de cantar. Toda ferocidade dos “cabras” acabava em alguma canção nordestina e mesmo os mais cruéis sempre aderiram à cantoria... Havia mesmo quem cantasse até nas horas bravas de tiroteio, numa prova de que a música era um complemento do cangaceiro. Todos cantavam até Lampião”. (Araújo.2011,p 69) <sup>10</sup>

O Brasil à época era governado pelo presidente Getúlio Vargas que se utilizou do bando para perseguição à Coluna Prestes, visto como inimigo político do governo, uma milícia que articulada aos russos queria implantar o comunismo no Brasil. Vargas a perseguiu, condecorou Virgolino como capitão e depois foi seu próprio algoz, dando pessoalmente a ordem para matá-lo. Outros interesses rondavam o Nordeste e os interventores de Sergipe e Alagoas protegiam o bandido em troca de favores, geralmente mando de morte e extermínio de inimigos políticos, cobrança de dívidas e vinganças.

O cerco se fechou para o bando e os próprios coiteiros que os protegiam, os traíram, entregando-os à Volante do Sargento Bezerra. Foram onze mortos e, entre eles, o chefe principal e sua mulher - Lampião e Maria Bonita - morrem metralhados e degolados, sem piedade, na Serra de Angicos.

Os corpos foram expostos e as cabeças enviadas para o Instituto Nina Rodrigues, cujo dirigente, era um estudioso de “malfeitores” que desejava explicar o mal no ser humano pela formatação do cérebro. A Volante recebeu como pagamento o dinheiro, o ouro e as joias dos baús dos cangaceiros.

---

<sup>10</sup> ARAÚJO, Antonio Amaury Corrêa de. *Maria Bonita, a mulher de Lampião*. Bahia: Assembleia Legislativa da Bahia. Coleção Gente da Bahia n.18, Salvador, Bahia, 2011.

Assim, Maria Bonita virou heroína para muitos e a mulher mais famosa da história do cangaço. A morte física do casal Virgolino Lampião e Maria Bonita acendeu suas almas e se tornou viva nas mais diversas manifestações culturais e de luta no imaginário social místico e ufanista de homens e de mulheres do Nordeste brasileiro.

Maria Bonita se perpetua como mito de coragem e justiça do feminino, símbolos de arquétipos divinos destacados nas fontes de abordagem da Mitologia.

### **Atena, Afrodite e Deméter: o que dessas deusas dorme na alma de Maria Bonita do Lampião?**

Introduzir a temática de mitos e da mitologia grega feminina nesta reflexão é buscar compreender o que Campbell considera ao dizer que “Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana”. CAMPBELL, 1990, p.5 e 6 <sup>11</sup>

Entretanto, por que Maria Bonita? Que arquétipos trazem esta mulher ao carregar este nome que a destacou em sua eternidade e no conceito de um povo de sua época ao se perpetuar até os nossos dias?

Falar de beleza e de justiça, de racionalidade e de propósitos delineados e definidos em seu alcance, é citar perfis de outras referências míticas da divindade grega: Atená e Afrodite, deusas que dormem na alma da guerreira amorosa e sedutora do sertão, como descrevemos nas análises a seguir.

Através do conceito de arquétipos, podemos buscar compreensão das marcas do “self social” que pretendemos elucidar, analisando perfis simbólicos profundos e abrangentes, que nos afirmam a possibilidade da existência de uma consciência coletiva. Com o recurso da imagem e da fantasia, acessamos o Inconsciente Coletivo e, como afirma Carlos Byington apud Brandão (Brandão 2000. VII p. 9),<sup>12</sup> “Até mesmo os mitos hediondos e cruéis são de maior utilidade, pois nos ensinam através da tragédia os grandes perigos do processo existencial”. E neste sentido temos buscado entender o conceito de Arquétipos em C. G. Jung, que nos abre a possibilidade de encontrar por

---

<sup>11</sup> CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. Betty Sue Flowers (org); (tradução de Carlos Felipe Moisés). São Paulo: Palas Athena, 1990.

<sup>12</sup> BYINGTON, Carlos apud BRANDÃO, Junito. *Mitologia Grega*. São Paulo: Vozes, 1986.

estas vias os caminhos simbólicos para percebermos, nos mitos, a formação da Consciência Coletiva.

Pode-se utilizar o recurso de apreensão de mitos femininos da mitologia grega até chegarmos aos mitos mais aproximados de nossa realidade atual - Maria Bonita no sertão brasileiro pressupõe que estejamos buscando “pistas” para compreender o processo existencial de pessoas, seja individual ou coletivamente a ela assemelhadas, ou melhor dizendo, assemelhadas ao seu caráter, à sua alma.

Abordar um processo identitário da figura lendária e mitológica da Maria Bonita requer passear pelas descrições de perfis mitológicos que guardam em si as raízes primordiais presentes em qualquer época e em todo lugar.

Além de reconhecermos, com base nas nossas análises prévias, a predominância e a identidade de alguns caracteres de divindades femininas gregas no perfil da nossa referência mítica do Nordeste brasileiro, como as de Atena e Afrodite, vimos que a deusa Deméter, também, reflete alguns momentos da história de vida de Maria Bonita.

Quando estudamos os perfis das deusas da mitologia grega com vistas ao estabelecimento das conexões entre estas e o mito Maria Bonita, agora analisado em sua biografia, nos despontou o perfil simbólico de Atená, arquétipo feminino que representa o pensar bem, a sabedoria, as artes e, inclusive, as marciais. É a deusa do pensamento racional e atividades que requerem o pensamento intencional com habilidades que envolvem planejamento e execução. Conselheira e patrona de homens heroicos, governa mais pela razão do que pelo coração. Demonstra o pensar bem e a manutenção da calma em situações de natureza emocional. Pode ser companheira, colega e confidente de homens sem desenvolver sentimentos eróticos ou intimidade emocional. Representa o adulto sensível.

No teu reino reinou a força do coração  
Tu vestistes a túnica apertada do destino  
Andastes nos infinitos caminhos do sertão  
Onde o sol cravou seu mormaço divino  
Carregando a cruz pesada de sua missão  
Seguiste um caminho incerto e ferino (LIMA, 2011.p 85)<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> LIMA, João de Souza. A trajetória Guerreira de Maria Bonita, a Rainha do Cangaco. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.

O arquétipo de Atena costuma prosperar nas áreas acadêmicas, científicas, militares ou políticas. Governa as mulheres que sabem o que é ser “inevitável” e imaginam, planejam e alcançam o que querem.

Insensata largaste o calor de tua moradia  
Desafiando as trevas e morte ingrata e fria  
Só aos destemidos é dado o gosto da liberdade  
Alguns bravos herdaram por sua valentia  
O sabor amargo do cálice do fel da covardia  
E o laço traiçoeiro do carrasco da maldade  
(LIMA 2011. pg.85)<sup>14</sup>

Diplomática e deusa das artes, envolve-se na realização de coisas ao mesmo tempo úteis e agradáveis. Dá ênfase à previsão, planejamento, domínio das habilidades e paciência.

Teus dedos como setas  
Apontam meu destino:  
Meu caminho,  
Na planta de teus pés;  
Meu horizonte,  
No risco de tuas mãos  
E meus cabelos  
Esparsos sobre a relva  
Em que me habitas

Sou teu sabre,  
Facão com que degolas.  
Sou o gosto do sal,  
Veneno que espalharam  
No prato.  
Sou a colher de prata  
Azinhavrada. Sou teu laço.

Teu lenço  
No pescoço.  
Sou teu chapéu de couro  
Constelado  
Com estrelas de prata,  
Sou a ponta  
De teu punhal buscando  
O peito dos macacos.  
Sou teu braço,  
A cartucheira cruzada  
Sobre o peito,  
sou teu leito  
De angico e alecrim.  
(FRAGA. Myrian. Maria Bonita. 2012)

Enquanto arquétipo da “filha do pai”, Atena representa a mulher que tende a aproximar-se naturalmente de homens poderosos detentores, possuidores de autoridade,

---

<sup>14</sup> LIMA, João de Souza. A trajetória Guerreira de Maria Bonita, a Rainha do Cangaco. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.

responsabilidade e poder, homens que se ajustam ao arquétipo do pai patriarcal ou do “homem patrão”, do herói.

Como ninguém ignora,  
Na minha pátria natal  
Ser cangaceiro é a coisa  
Mais comum e natural,  
Por isso herdei de meu pai  
Este costume brutal.  
(Francisco Batista apud Mello 2005. Pg. 63)<sup>15</sup>

A qualidade de “filha do pai” pode tornar uma mulher do tipo Atená defensora dos direitos e valores patriarcais. Mulheres tipo Atená, enfatizam a tradição e a legitimidade do poder mantendo o *status quo* masculino. Gostam de homens bem sucedidos e são atraídas pelo poder. São em geral conservadoras, resistentes às mudanças. Têm pouca compaixão por oprimidos ou rebeldes. São práticas, descomplicadas, desinibidas e seguras.

Bem perto da cachoeira  
de Paulo Afonso chamada  
pelo lado da Bahia  
essa jovem foi criada  
Põe seu destino forte  
O grau da tirana sorte  
Fez tua vida narrada (SANTOS, Teodoro, apud LIMA, pg. 83)<sup>16</sup>

Filha do tipo Atená pode tratar sua mãe como alguém que não consegue fazer-se independente e supera esta incompletude materna. Geralmente têm falta de amigas íntimas. “Elas não se sentem parecidas com as mulheres tradicionais e nem com as feministas, com as quais elas podem talvez se assemelhar, especialmente quando são mulheres de carreira.” (BOLEN, 2011.p.136)<sup>17</sup>.

Estas características se completam com outras também salientes no perfil dessa Maria, a Bonita – em que pontuamos caracteres visíveis de Afrodite - a sedutora mulher do capitão. O arquétipo de Afrodite governa o prazer do amor e da beleza, da sensualidade e da sexualidade das mulheres.

Morena cor de canela  
Dessas que o vento palpita  
Muito bem feita de corpo  
Lábios da cor de uma fita

---

<sup>15</sup> MELLO, Frederico Pernambuco. Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: Girafas, 2004.

<sup>16</sup> SANTOS, Teodoro apud LIMA, João de Souza. A trajetória Guerreira de Maria Bonita, a Rainha do Cangão. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.

<sup>17</sup> BOLEN. Jean Shinoda. As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres. (tradução: Maria Lidya Remédio): São Paulo: Paulus, 1990.

Disse Lampião: te levo  
Minha Maria Bonita (Pereira Sobrinho apud Lima 2011,p.82)<sup>18</sup>

Este arquétipo leva as mulheres a desenvolverem seus aspectos de criatividade e de procriação. Quando Afrodite está presente como arquétipo dominante, a mulher se torna permanentemente apaixonada e têm um magnetismo pessoal que intensifica a percepção sexual num campo eroticamente carregado.

Esta noite em Angico  
A brisa é calma.  
No silêncio farfalham  
Minhas anáguas  
Como farfalham asas  
E no escuro minha carne  
Cheira a mato.

(Maria Bonita. Myrian Fraga, 2012)

A mulher Afrodite tem a capacidade de sentir a sexualidade como resposta instintiva desligada do sentimento amoroso, ou do gostar do homem que a excita, ou seja, “a sexualidade ‘desligada’ de intimidade emocional” como dito em BOLEN, 2011. p. 328.

Os amores de Maria  
Com Virgolino Ferreira  
Não pode haver escritor  
Que com base verdadeira  
Possa fazer um poema  
Pois eles deixaram o tema  
Na folha da quixabeira  
(Teodoro dos Santos, apud Lima 2011. pg. 82)<sup>19</sup>

Como arquétipo ligado ao ímpeto sexual e ao poder da paixão, a mulher Afrodite contém em si uma força criadora que envolve aspectos da arte, da beleza e também da justiça da qual tende a defender como aspecto que não poderá nunca estar alijado da beleza e da paixão. O trabalho criativo surge sempre como uma paixão intensa com sua arte que pode ser qualquer forma de produção ou trabalho. É também o arquétipo mais envolvido com experiência sensorial ou sensual.

Que sabes de minha vida  
Além da morte  
Inquieta que me ronda?  
Que sabes desta chita  
Destes panos

---

<sup>18</sup> PEREIRA Sobrinho apud LIMA, João de Souza. A trajetória Guerreira de Maria Bonita, a Rainha do Cangaço. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.

<sup>19</sup> SANTOS, Teodoro apud LIMA, João de Souza. A trajetória Guerreira de Maria Bonita, a Rainha do Cangaço. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.

Que envolvem minha nudez  
Como uma chama?

Sou tua fera. Sussuarana  
No escuro — bote e salto.  
Jaguarica acesa nestes altos  
Mundéus de teu alarme.

Sou o parto  
Da morte que te espreita. (FRAGA, Myrian. Maria Bonita. 2012)

Embora a história seja, por natureza, cíclica e reiterativa, há sempre muito a ser descoberto. E assim, abrem-se possibilidades de muito mais empenho em uma narrativa que nos aponte os caminhos de um destino de mulher que também guardou e guardará incalculáveis possibilidades de uma vida plural, que preserva sempre um singular, vivo, dentro de si, que fez e que faz histórias de vida humana.

Estas imagens são encontradas em depoimentos vivos em nossos dias e em nossa geografia como este em SILVA, 2007<sup>20</sup> que, em entrevista confirma as representações da mulher, através do seu entendimento sobre a Maria, nos tempos de parceria:

Imagine Maria sem vaidade. Éramos vaidosas, éramos jovens, gostávamos de espelho. Não se pode esquecer: vivíamos cercadas de homens, alguns bonitos, outros não, mas eram homens carinhosos, brincalhões, amigos. Acho que nunca conheci carinho, amizade e admiração tão grandes como sentia por Lampião. Quando ele morreu, quase enlouqueci. Era como tivesse outra vez perdido meu pai e minha mãe. Ver Maria e Lampião mortos, assim, cabeças cortadas, jogados num monturo, que selvageria! Mataram um homem bom. Mataram uma mulher mimada, às vezes, mas maravilhosa. (SILVA, 2007)

O consciente e o inconsciente individual e coletivo se referendam em arquétipos que se eternizam em suas profundas manifestações de comportamento.

Desata a cartucheira,  
Teu campo de batalha sou eu.  
Por um momento  
Esquece o que te mata  
-Fúria e falta-  
E enquanto a noite é calma  
Vem e me apaga  
Na pele de meu peito  
Esta fome sem data. (Maria Bonita, Myrian Fraga, 2012)<sup>21</sup>

Mas, visto Atená e Afrodite de forma tão marcante na mulher Maria Bonita, o que ela tem de Deméter, a deusa mais generosa que proporcionava abundância e colheita à humanidade? Como diz Bolen: a mulher que se identifica com Demeter age como uma

---

<sup>20</sup> SILVA apud ASSUNÇÃO, Moacir. Os homens que mataram o facínora. Rio Janeiro: Record, 2007.

<sup>21</sup> FRAGA, Miriam: Maria Bonita, 2012) In: <http://apoesiadobrasil.blogspot.com.br/2012/06/myriam-fraga-1937.html>. Acesso em 10 de maio de 2014.

deusa generosa, maternal, com uma capacidade ilimitada de prover. (BOLEN. 2011. pg. 264)

Reconhecer em Maria do Capitão a sua generosidade e “capacidade ilimitada de prover” é considerar que em todas as manifestações de companheirismo feminino, nos diversos episódios das inúmeras narrativas que encontramos na literatura brasileira é, ao mesmo tempo, doce e trágico. O traço guardado nessa Maria é o de cuidadosa, zelosa e provedora de um *status* nunca visto em “machos” da sua época, em sua região.

O cancionero popular guarda estas imagens de forma poética ao se referir ao perfil provedor e de enlevo mítico de Maria do Capitão, essa deusa do sertão:

Entre ela e Lampião.  
Cantam-se muitas histórias  
Com lutas e sofrimentos  
Com alegrias e glórias  
Vexames e prejuízos  
Com fracassos e vitórias. (Almeida Filho, apud Lima 2011.p.84)

Assim, vários são os significados relatados sobre o cangaço – literatura, filmes, documentários desenvolvidos para entender os mistérios que permeiam este fenômeno. São relatos de grande apelo humano, mas que demonstram o cumprimento da vontade divina, sejam os deuses gregos, sejam os deuses nordestinos. Homens e mulheres atuam para consolidarem os mitos do poder, da autoridade, do prestígio, do respeito, da justiça, da vingança, da beleza, da admiração e depois pela sobrevivência, meio de vida.

Considerando que as crenças, costumes, leis, obras de arte, o conhecimento científico, esportes, festas e todas as formas de manifestações culturais constituem os marcos simbólicos que formam a identidade cultural de um povo, os símbolos existentes em uma cultura que atuam através de suas instituições e das pessoas são “marcos do grande caminho da humanidade das trevas para a luz, do inconsciente para o consciente”, como nos confirma BYINGTON (apud Brandão, 1986)

Os mitos, portanto, exercem uma importância crucial nesta perspectiva que agora buscamos para compreender e com isto poder contribuir mais eficazmente nesta obra coletiva de constituirmo-nos e constituir os ritos da construção da identidade humana. Nesta intenção antropológica, sociológica e cosmológica, encontramos em Campbell uma afirmativa de que Mitos são histórias de nossa busca de verdade, de sentido, de significação, através dos tempos...



Dizem que todos procuramos um sentido para a vida. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos é um sentido para a vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal e é o que estas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos. Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana. (CAMPBELL, 1990, p.5 e 6).

## Referências

- ARAÚJO, Antonio Amaury Corrêa de. Maria Bonita, a mulher de Lampião. Bahia: Assembleia Legislativa da Bahia. Coleção Gente da Bahia n.18, Salvador, Bahia, 2011.
- BOLEN. Jean Shinoda. As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres. (tradução: Maria Lidya Remédio): São Paulo: Paulus, 1990.
- BRANDÃO. Junito de Souza. Mitologia Grega. VI I, 15ª Edição. Petrópolis. Vozes. 2000.
- FERREIRA. Vera e Amaury. Antonio. De Virgolino a Lampião. São Paulo. Ideia Visual. 1999
- BYINGTON, Carlos apud BRANDÃO, Junito. *Mitologia Grega*. São Paulo: Vozes, 1986.
- CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. Betty Sue Flowers (org); (tradução de Carlos Felipe Moisés). São Paulo: Palas Athena, 1990.
- FRAGA, Miriam: Maria Bonita, 2012) In:  
<http://apoesiadoBrasil.blogspot.com.br/2012/06/myriam-fraga-1937.html>. Acesso em 10 de maio de 2014.
- LIMA, João de Souza. A trajetória Guerreira de Maria Bonita, a Rainha do Cangaço. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.
- MELLO, Frederico Pernambuco. Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: Girafas, 2004.
- MELLO. Frederico Pernambuco de. Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo. Girafa Editora. 3ª edição 2004.
- PEREIRA Sobrinho apud LIMA, João de Souza. A trajetória Guerreira de Maria Bonita, a Rainha do Cangaço. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.
- SANTOS, Teodoro apud LIMA, João de Souza. A trajetória Guerreira de Maria Bonita, a Rainha do Cangaço. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.
- SANTOS, Teodoro apud LIMA, João de Souza. A trajetória Guerreira de Maria Bonita, a Rainha do Cangaço. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2011.
- SILA, Maria apud ASSUNÇÃO, Moacir. Os homens que mataram o facínora. Rio Janeiro: Record, 2007.
- TEIXEIRA, Angela. A alma do consumida do cangaço. 5º Encontro dos Amigos da Psicologia Arquetípica. São Francisco Xavier, São Paulo, 2007.